

A alteração de práticas de editoração científica tradicionais promovidas pelas ferramentas de publicação eletrônica – um novo *habitus* profissional?¹

José de Souza Muniz Júnior², Sueli Mara Soares Pinto Ferreira³

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Resumo

O Open Journal Systems, uma nova ferramenta de gestão/publicação de periódicos científicos, automatiza o processo editorial desde a submissão de artigos até sua indexação em mecanismos internacionais. Esta alteração, mais do que a transposição de métodos produtivos para o suporte digital, pode significar a revisão de procedimentos pelos profissionais envolvidos. Discutimos, à luz do conceito bourdieusiano de *habitus*, se essa alteração traz uma mudança radical nos modelos predominantes de editoração científica impressa, ou se apenas instaura uma prática mais eficaz de publicação. Analisamos qualitativamente, por meio de entrevista, o fluxo de trabalho de um periódico que aderiu ao OJS e publica atualmente apenas a versão digital. Buscamos, assim, perceber as convergências e distanciamentos entre as práticas editoriais tradicionais e as que emergem na atualidade.

Palavras-chave

Editoração científica; *habitus*; publicação eletrônica.

Introdução

Muito tem se falado, nos meios de comunicação e nos círculos acadêmicos, a respeito das inúmeras mudanças trazidas pelo surgimento do computador e da Internet. Enquanto alguns teóricos profetizam o fim dos livros e revistas impressos, outros vêem a revolução digital como um grande perigo à individualidade do sujeito moderno e à capacidade de raciocínios complexos. Na opinião pública, paira a sensação de que a Internet veio para democratizar de uma vez por todas o acesso aos bens simbólicos. Dentro de todo esse debate, uma das poucas constatações inegáveis é a de que as mídias digitais têm alterado substancialmente os regimes de produção e recepção de bens simbólicos, bem como os processos de armazenamento e recuperação da informação. A estrutura descentralizada e hipertextual da rede mundial de computadores vem permitindo ao homem, como nunca antes, difundir o conhecimento em escala global. Conceitos como personalidade, autoria e comunicação, tão caros ao homem moderno, entram agora em cheque e denunciam a necessidade de uma revisão geral de paradigmas nas ciências humanas. Pode-se dizer que, de todo o conhecimento científico produzido sobre as mídias digitais, em suas variáveis sociológicas, antropológicas, psicológicas, econômicas e comunicacionais,

boa parte está baseada no estudo dos usuários-clientes-receptores e sua relação com o suporte tecnológico. É razoável dizer, aliás, que o sujeito tem ocupado posição central nos estudos da cibercultura.

Por outro lado, o sujeito produtor é muitas vezes esquecido no processo. Na ilusão de que a Internet subverte, de uma vez por todas, com os conceitos clássicos da Comunicação, considera-se que o sujeito que produz é o mesmo que consome, e viceversa. Desse modo, a esfera da produção midiática fica à margem das pesquisas sobre o assunto; o sujeito responsável pela veiculação de websites, conteúdos e serviços deixa de ser percebido como parte essencial dessa trama. Nosso objetivo, com este trabalho, é reintegrar o sujeito emissor aos estudos de comunicação digital, colocando-o como ser dotado de necessidades, pensamentos, sentimentos, como agente de processos e mudanças sociais. Dirigimo-nos, especificamente, a uma das esferas mais importantes de produção simbólica na contemporaneidade: a comunicação científica. Afinal, quem é o editor científico que emerge em ambiente digital? O que tem ele em comum e em que ele difere no editor científico de periódicos impressos? O que representam, para estes profissionais, as novas ferramentas de publicação eletrônica? Embora não tenhamos a pretensão de responder a todas estas perguntas de modo exato e conclusivo, nosso estudo tem como objetivo colocar em evidência essa esfera do processo de

A alteração de práticas de editoração científica tradicionais promovidas pelas ferramentas de publicação eletrônica – um novo *habitus* profissional?

comunicação científica, alertando para as necessidades e desejos de editores e demais profissionais envolvidos na cadeia de produção do periódico científico. Apresentamos, aqui, os resultados parciais de um estudo cujo objetivo final é compreender as necessidades dos editores no processo de adesão ao Open Journal Systems⁴, através do projeto Revcom – Coleção Eletrônica de Revistas de Ciências da Comunicação, da Portcom/Intercom⁵. Para essa investigação, utilizamos como principal referência teórica a teoria da ação desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) e, mais especificamente, o conceito de *habitus*, buscando subsídios da prática de um editor de revista científica. Para tanto, uma entrevista foi desenvolvida com o editor da Revista Ciência da Informação, que utiliza uma customização brasileira do software OJS, chamada SEER – Sistema de Editoração Eletrônica de Revistas –, enfocando prioritariamente os temas da atividade cotidiana e workflow do editor, principais facilidades trazidas pela automação do sistema, dificuldades enfrentadas com o sistema eletrônico e benefícios aos usuários finais.

A noção de *habitus*

Bourdieu é um dos teóricos mais influentes do século XX para os campos da Sociologia e da Filosofia. Sua teoria da ação, desenvolvida em várias obras, tem também repercussões nas demais disciplinas das ciências humanas, incluindo a Comunicação. Dentro desse arcabouço, é importante compreender a noção de *habitus* e outra intimamente ligada a esta, a de *campo*.

O *habitus* pode ser definido como um “conjunto de esquemas de classificação do mundo, interiorizados ao longo de uma trajetória social singular e gerador de comportamento sem cálculo” (Barros Filho & Martino, 2003, p. 11). Segundo Wacquant (s.d., p. 1), esta é uma noção filosófica antiga, originária do pensamento de Aristóteles e da Escolástica medieval, que foi recuperada e retrabalhada (...) para forjar uma teoria disposicional da ação capaz de reintroduzir na antropologia estruturalista a capacidade inventiva dos agentes, sem com isso retroceder ao intelectualismo cartesiano que envia as

abordagens subjectivistas da conduta social, do behaviorismo ao interacionismo simbólico passando pela teoria da ação racional.

Corresponde, assim, a uma prática reiterada e a um saber prático incorporado, assinalando a importância da trajetória de cada indivíduo na constituição de sua subjetividade. O conjunto de experiências forma, assim, o que Bourdieu chama de “senso prático”, o que corresponde a afirmar que a “prática social não resulta (...) necessariamente de uma escolha, mas de gostos (e de desgostos) profundamente enraizados no corpo” (Barros Filho & Martino, 2003, p. 29). Esse enraizamento se dá à medida que as experiências se repetem e se acumulam, transformando-se em disposições gerais (estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes) que levam o indivíduo a agir sem cálculo. Nesse ponto, o conceito se assemelha a seu correspondente em português – *hábito*. Brandão e Altmann defendem, na esteira de Dortier (2002) que Bourdieu descarta uma oposição muito comum, porém inadequada, nas ciências humanas: indivíduo *versus* sociedade. Ele coloca o *habitus* em um meio-termo entre a individuação e a sociação:

[Bourdieu] Critica todas as formas de individualismo metodológico ou a teoria da escolha racional que encara o indivíduo como um tipo de ser associologizado que guiaria sua vida apenas com recursos da razão. No entanto, ele também descarta a posição inversa, de um determinismo implacável que faria o indivíduo um tipo de autômato social, um agente social prisioneiro de seus determinismos. (Brandão e Altmann, s/d, p. 3) Já a noção de *campo*, também desenvolvida pelo sociólogo, é “a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem ou não podem fazer” (Barros Filho & Martino, 2003, p. 36). Tal conceito compartilha com o *habitus* uma cumplicidade ontológica, já que ambos são reciprocamente estruturados e estruturantes. Desse modo, as atitudes tomadas pelos agentes de um campo é determinada pela posição que estes agentes ocupam nesse campo. O estudo dessas atitudes, por sua vez, deve levar em conta seus componentes afetivo, cognitivo e comportamental. Como se vê, estas duas noções, o *habitus* e o *campo*, são extremamente valiosas para o estudo de práticas profissionais: “cada profissional, obedecendo ao seu ‘gosto pessoal’, concorda, sem saber ou perceber, com muitos outros levados a

agir em condições análogas” (Barros Filho & Martino, 2003, contracapa). A ação dos profissionais de determinado campo incorpora, de modo inconsciente, as regras de ação, a educação formal, os gostos, as relações de produção e concorrência desse espaço social. Em suma, “as representações dos agentes variam segundo sua posição e segundo seu *habitus*” (Bourdieu, 1987, p. 153).

Wacquant (s/d, p. 3) destaca que o *habitus* é durável mas não eterno. É uma inércia incorporada e introduz, assim, um defasamento que funciona como capital acumulado do passado. Por outro lado, o conceito também dá conta das situações de crise, pois pressupõe um acúmulo de disposições que é dinâmico e se renova a cada nova experiência. Existe, como se vê, uma dialética entre aquilo que é sedimentado – e que, portanto, contribui para a formação do *habitus* – e aquilo que é alterado – e que contribui para transformá-lo.

Por isso, concordamos com Brandão e Altmann (s/d, p. 5), para quem as possibilidades de transformação dos *habitus* dos agentes podem ser pensadas, por um lado, a partir da movimentação dos agentes entre diferentes campos sociais, e, por outro, a partir da movimentação e das lutas travadas dentro do próprio campo. Outrossim, a transformação do *habitus* pode ocorrer através de um trabalho de análise reflexiva (portanto racional) sobre as próprias disposições, conforme menciona Bourdieu em algumas entrevistas.

É de se supor que, com a nova realidade instaurada pelas mídias digitais, haja alterações no *habitus* de diversos campos profissionais. No âmbito da comunicação científica, estas alterações têm sido cada vez mais constantes. Resta somente verificar a profundidade dessas mudanças e investigar as possíveis soluções para os problemas encontrados por esses profissionais.

A editoração científica e as mídias digitais

Dentro das atividades de comunicação científica, a editoração de periódicos é provavelmente a mais expressiva na divulgação de resultados das pesquisas entre os cientistas. O artigo científico tornou-se, ao longo das décadas, o principal elemento indicador da produção científica, concedendo

visibilidade, contribuindo para a promoção da carreira acadêmica e científica e facilitando a obtenção de financiamentos junto a órgãos de fomento a pesquisa (Ferreira & Muniz Jr., 2005, p. 3). Junto com os livros, os periódicos “são os arquétipos da comunicação formal, pois, além de passarem por avaliações rigorosas, é esperado que seus conteúdos arbitrados estejam armazenados e disponíveis, por um longo período de tempo, em locais apropriados e passíveis de acesso e recuperação por um público ampliado” (Berto, 2003, p. 5). Embora tenha sua legitimidade reconhecida dentro do campo acadêmico, esta atividade tem sofrido, nos últimos anos, alguns abalos, que dizem respeito à velocidade de divulgação do conhecimento, ao custo dos periódicos, ao sistema de direitos autorais e ao sistema de *peer review* (Ferreira & Muniz Jr., 2005, pp. 3-4). Uma das causas disso foi o surgimento das mídias digitais e da Internet, com a alteração do controle dos processos de comunicação científica, bem como a implementação de mais velocidade e transparência a esses processos.

Atualmente, ficam evidentes as inúmeras vantagens que a Internet proporciona em relação ao suporte impresso, pelo menos quando se fala em conteúdos científicos. Além da já supracitada velocidade, há os mecanismos de busca e recuperação da informação, que permitem ao usuário encontrar resultados de pesquisas feitas em todo o mundo. Diversas têm sido as iniciativas no sentido de publicação online de conteúdos científicos, dentre os quais se destacam as desenvolvidas pelo Public Knowledge Project⁶. Vale destacar também a quantidade expressiva de periódicos que vêm disponibilizando versões digitais, e outros tantos que agora se mantêm exclusivamente na rede, dispensando o modelo impresso. Esta, aliás, é a mudança mais expressiva nesse contexto. Para Hurd (2000, *apud* Berto, 2003, p. 9), As mudanças radicais não ocorrem apenas no âmbito das relações e processos de produção: estão na possibilidade de superar os limites do seu próprio “corpo-texto”. Enquanto texto e contexto, estruturas e formatos, as publicações eletrônicas não são fixas e/ou limitadas em extensão ou recursos, incluindo o acesso remoto e externo ao interior de outros documentos eletrônicos.

Por outro lado, deve-se considerar os aspectos sociais, culturais e psicológicos desse novo modelo. Mais uma vez, destacamos a importância de se colocar os sujeitos (sejam eles os produtores

A alteração de práticas de editoração científica tradicionais promovidas pelas ferramentas de publicação eletrônica – um novo *habitus* profissional?

ou os receptores) no centro da análise e do planejamento estratégico dessas iniciativas. Berto (2003, p. 11) afirma que A instabilidade e a evanescência dos documentos e arquivos eletrônicos ainda são fonte de desconfiança e barreira à sua aceitação, enquanto suportes permanentes de registro e guarda do conhecimento. Além da ausência de contato físico - importante para muitos - são vulneráveis à obsolescência da TI, às alterações eletromagnéticas, às versões dos softwares, à virtualidade dos sites e à ausência de filtros de qualidade (Lévy, 1993; Heck, 1996).

Por esses motivos, são necessárias iniciativas que levem em conta, antes de tudo, o devido esclarecimento de editores e autores em relação ao funcionamento dos mecanismos de publicação digital. Sem isso, os periódicos podem cair no descrédito de boa parte da comunidade científica, prejudicando tanto a submissão de trabalhos quanto o acesso aos artigos. “No esforço da formação de consumidores e produtores de documentos eletrônicos, são necessários procedimentos mercadológicos e campanhas de esclarecimento sobre as reais possibilidades e limites do novo meio” (Berto, 2003, p. 14).

O projeto Revcom

Um exemplo de uma iniciativa da natureza citada anteriormente é o projeto Revcom, desenvolvido pela Portcom/Intercom, que busca participar, motivar e fomentar o trabalho de análise reflexiva junto aos editores científicos da área de Comunicação. Este projeto tem por objetivo mostrar as facilidades e vantagens proporcionadas pela adoção do sistema OJS no processo de editoração de periódicos científicos (Ferreira & Muniz Jr., 2005).

O objetivo geral da Portcom com este projeto é contribuir para o desenvolvimento da pesquisa em Ciências da Comunicação nos países de língua portuguesa, por meio do aperfeiçoamento e da ampliação dos recursos de disseminação, publicação e avaliação dos seus resultados, fazendo uso intensivo da publicação eletrônica.

Seus objetivos específicos são (a) aumentar a visibilidade, a acessibilidade e a credibilidade nacional e internacional da publicação científica em Comunicação das nações

lusófonas e (b) colaborar para o aumento do impacto da produção científica desses países, atuando diretamente no processo de comunicação científica.

A coleção da Revcom⁷ já conta com sete periódicos: Contracampo, Comunicação & Sociedade, Famecos, Galáxia, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (brasileiras, avaliadas pela Capes como nível A Nacional), Comunicação & Sociedade e Media & Jornalismo (portuguesas). Além de incluir outros periódicos, a Revcom busca dar todo o apoio às equipes de cada publicação.

Para isso, o projeto tem se preocupado em estabelecer relações com os editores dos periódicos da área, de modo a conscientizá-los da importância de um projeto desse gênero. Além disso, a Revcom tem se colocado à disposição por meio de assessoria, treinamentos e cursos, de modo que essa alteração de práticas editoriais seja feita de forma segura e consciente.

Pressupomos, neste caso, que a adoção do Open Journal Systems em detrimento dos modelos tradicionais de gestão e publicação signifique necessariamente uma alteração no *habitus* profissional dos editores, o que na verdade é uma questão a ser verificada.

Em outras palavras, essa alteração parece envolver diretamente uma transformação em aspectos do *habitus* profissional dos editores científicos. Isso porque a transposição dos métodos produtivos para o ambiente digital implica na revisão de diversos procedimentos, pondo em crise um conjunto de conhecimentos internalizados e utilizados automaticamente na produção do periódico impresso.

Isto ocorre porque o sistema automatiza o fluxo de informação, as atividades rotineiras de submissão de papers pelos autores, distribuição de papers para os revisores e editores adjuntos e demais atividades. O sistema de comunicação do andamento das edições para autores, editores e colaboradores envolvidos também é automatizado. Por fim, o sistema também possui mecanismos de indexação e busca unificados. Vale ressaltar que a presente pesquisa tem como base a idéia de que o editor científico não é apenas um comunicador, mas também o usuário de um sistema que possibilita a ele exercer suas tarefas rotineiras. Este sistema, em termos gerais, contém um conjunto de ferramentas que o auxiliam no controle dos processos editoriais e dos fluxos de

informação dentro do periódico. Nesse sentido, o sistema se adequa às necessidades de cada periódico; assim, a adoção do software pela revista não pressupõe a descaracterização da revista em seus processos básicos.

Visando perceber/estudar/entender os componentes afetivos, cognitivos e comportamentais exigidas em um estudo sobre as atitudes tomadas pelos editores científicos frente à automação de suas atividades, apresenta-se a seguir as conclusões a partir do relato de um editor brasileiro.

O ponto de vista do Editor da Revista Brasileira *Ciência da Informação*

A Revista *Ciência da Informação*, editada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), foi escolhida para esta análise por ser um dos primeiros periódicos brasileiros a utilizar um software de editoração eletrônica especificamente para a gestão e produção integral de seu conteúdo⁸. A revista *Ciência da Informação*, iniciada em 1972, é atualmente uma publicação quadrimestral de trabalhos inéditos relacionados com a Ciência da Informação ou que apresentem resultados de estudos e pesquisas sobre as atividades do setor de informação em ciência e tecnologia. Até 1995, foi uma revista exclusivamente impressa, mas em abril de 1996 surge o projeto da revista on-line como parte de um programa de trabalho apoiado pelo PCDT/CNPq, denominado Divulgação das Publicações Seriadas Brasileiras. O objetivo deste programa “foi a criação de uma metodologia para divulgação de publicações científicas seriadas nacionais por meio de redes eletrônicas (via internet)” (Silva et al, 1996). Este projeto sempre se pautou nas tecnologias de ponta disponíveis na época, o que levou a uma evolução de simples apresentação do resumo em html dos artigos publicados, para o acesso ao texto completo dos papers em formato compactado e documento Word, para posterior uso do formato PDF e ainda links entre os documentos de hipertextos e uso de browser para navegação. Tratava-se, portanto,

exclusivamente de atividades voltadas ao armazenamento e recuperação dos conteúdos disponíveis. Com o desenvolvimento do projeto e o surgimento de ferramentas para atuação direta no processo editorial das publicações periódicas, o IBICT faz a tradução e adaptação do software OJS para uso pelas revistas brasileiras e implementa sua revista com este sistema a partir de 2004 (<http://www.ibict.br/cienciadainformacao>). Para compreender especificamente a evolução ocorrida e o ganho obtido com o uso do software de editoração eletrônica, uma entrevista foi feita com o editor da revista e coordenador do projeto de customização do referido software.

Constatou-se que a adoção do sistema pela revista favoreceu muito o trabalho da equipe editorial. Segundo o editor, os principais benefícios trazidos por essa mudança foram:

- 1) Layout: mais interessante e amigável para o usuário-leitor;
- 2) Informatização das atividades editoriais;
- 3) Arquivamento online: favoreceu a recuperação e diminuiu sobremaneira a quantidade de papel utilizada no processo. O editor destacou também a transparência do processo para os autores: todos eles recebem o feedback dos avaliadores e dos membros do comitê.

A partir da descrição do fluxo de tarefas na produção da Revista *Ciência da Informação*, constatamos a semelhança com o processo utilizado na maioria das revistas em formato impresso. Isso significa que, embora automatize essas tarefas, reduzindo custos e tempo de trabalho, o OJS não desvirtua o trabalho original da equipe editorial. Logo, é possível concluir que a alteração promovida por esse tipo de ferramenta no trabalho de editoração de periódicos científicos é relativa, uma vez que mantém um modelo consagrado e eficaz de administração e produção. A única alteração profunda, nesse caso, é o suporte de arquivamento e de acesso. Para produtores e usuários, muda o fato de que, agora, não é o papel, mas a tela o lugar de interação simbólica, tanto na veiculação quanto na recepção. Assim, não é seguro afirmar que esse sistema promove uma alteração no *habitus* dos editores científicos, do modo como o conceito é colocado dentro da teoria bourdieusiana da ação. Parece muito mais adequado supor que há, sim, uma resistência psicológica por parte de alguns profissionais em relação ao novo suporte, em função da insegurança que estes possuem para

A alteração de práticas de editoração científica tradicionais promovidas pelas ferramentas de publicação eletrônica – um novo *habitus* profissional?

com o armazenamento imaterial da informação. Por outro lado, a agilidade que o sistema proporciona a estes editores tende, a médio e longo prazo, a promover novos métodos de trabalho, mais adequados a este novo ambiente. Registramos, por fim, a necessidade de estudos aprofundados nesse sentido, com o objetivo de verificar, se possível *in loco*, as reais alterações instauradas no cotidiano dos profissionais de editoração científica.

Considerações finais

O novo paradigma digital provoca nas atividades tradicionais de editoração científica um relativo deslocamento nas práticas profissionais correspondentes. À luz da teoria da ação de Pierre Bourdieu, fica aqui evidenciada a recíproca determinação entre *habitus* e *campo*: transformações em determinado campo profissional resultam em um desequilíbrio nas forças desse campo e, conseqüentemente, a um redimensionamento do *habitus* de seus agentes. Inversamente, a mudança desses *habitus* conduz a novas características desse campo, ou mesmo à formação de campos distintos.

Nesta pesquisa, essa alteração de *habitus* mostrou-se pouco profunda. No entanto, não é descartada a possibilidade de que, em outros casos – especialmente de publicações cuja produção se dá de modo mais artesanal – essa mudança conduza a um considerável estresse cognitivo e afetivo dos editores e produtores editoriais. Estas alterações podem custar tempo e esforço, por parte desses agentes, para redefinirem seus espaços de atuação e seus métodos de trabalho dentro do campo. Isso envolve, então, uma análise reflexiva por parte desses indivíduos, de modo que eles possam adequar-se à nova realidade a partir de um auto-envolvimento metodológico em questões que, normalmente, seriam resolvidas sem qualquer cálculo consciente.

Entretanto, é recomendável a atuação de outros agentes que, não sendo totalmente externos ao campo, induzam esses agentes à mudança do modo mais seguro e acertado. É o esforço que a Revcom tem empreendido junto aos editores da área de Comunicação, de modo a uni-los no esforço comum de divulgar a produção científica brasileira da área e estabelecer padrões mais eficazes de qualidade editorial de suas publicações.

Referências bibliográficas

- BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá (2003). *O habitus na comunicação*. São Paulo: Paulus.
- BERTO, Rosa Maria Villares de Souza (2003). *Novas práticas de comunicação e produção de publicações científicas*. XIII Endocom. Belo Horizonte.
- BOURDIEU, Pierre (1987). *Chose dites*. Paris: Minuit.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc (1992). *Réponses – Pou une anthropologie réflexive*. Paris: Ed. du Seuil.
- BRANDÃO, Zaia; ALTMANN, Helena (s.d.). *Algumas hipóteses sobre a transformação do habitus*. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_1167.D2W/REPORT3?CdLinPrg=pt&NrSeqFas=4
- Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005
12
- DORTIER, Jean-François (2002). *Les idées pures n'existent pas*. Sciences Humaines “La oeuvre de Pierre Bourdieu”, Numéro Spécial Pierre Bourdieu, p. 13-15.
- FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; MUNIZ JR., José de Souza (2005). *O Movimento do Livre Acesso e a democratização de conteúdos científicos: um projeto de editoração eletrônica de revistas de Ciências da Comunicação*. III Congresso Internacional Latino-Americano de Pesquisa da Comunicação. São Paulo.
- WACQUANT, Loïc (s.d.). *Esclarecer o habitus*. Disponível em sociology.berkeley.edu/Faculty_HTML/wacquant/wacquant_pdf/ESCLARECEROHABITUS.pdf

¹ Trabalho apresentado no 1o. Intercom Júnior, evento componente ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, Uerj, 8-9 set. 2005.

² José de Souza Muniz Júnior é aluno de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Editoração da ECAUSP é bolsista de iniciação científica junto ao Projeto REVCOM – Coleção Eletrônica de Revistas Científicas em Ciências da Comunicação dos Países Lusófonos desenvolvido pela Portcom/Intercom. E-mail: jmunizjr@gmail.com

³ Sueli Mara Soares Pinto Ferreira é professora doutora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP, Diretora de Documentação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e Coordenadora da Portcom – Rede de Informação em Comunicação dos Países Lusófonos. E-mail: smferrei@usp.br

⁴ O Open Journal Systems (OJS) foi desenvolvido pelo Public Knowledge Project (PKP) da British Columbia University do Canadá. É uma ferramenta de editoração (gestão e publicação) de periódicos científicos na Internet, controlando todas as fases do processo, desde a submissão de artigos até sua indexação em mecanismos internacionais.

⁵ Portcom – Rede de Informação em Comunicação dos Países de Língua Portuguesa e Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação.

⁶ Public Knowledge Public – www.pkp.ubc.ca

⁷ <http://revcom2.portcom.intercom.org.br>

⁸ Embora existam diversas revistas de comunicação no projeto REVCOM, estas não foram objeto deste estudo, pois seus editores ainda se encontram em fase de experimentação do software e consolidação de suas próprias experiências.